



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UnICEUB
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

ANA LAURA BOTELHO RODRIGUES
MARCELLA KEHL DO NASCIMENTO

BRASÍLIA SITUACIONISTA. EXPLORANDO UM REFERENCIAL TEÓRICO PARA O
MAPEAMENTO CRÍTICO DO GÊNERO

BRASÍLIA

2018



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UnICEUB
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

ANA LAURA BOTELHO RODRIGUES
MARCELLA KEHL DO NASCIMENTO

BRASÍLIA SITUACIONISTA. EXPLORANDO UM REFERENCIAL TEÓRICO PARA O
MAPEAMENTO CRÍTICO DO GÊNERO

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica
apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e
Pesquisa.

Orientação: Maria Emilia Bastos Stenzel

BRASÍLIA

2018

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à professora Emilia Stenzel, por todo seu apoio ao ter aceitado realizar esta pesquisa conosco. Durante a realização deste projeto foram inúmeros encontros com uma grande troca de conhecimento e convívio. Mais ainda, registramos nossa imensa gratidão, respeito e admiração pela professora.

Ao Comitê de Ética e Pesquisa, por proporcionar que as coletas de dados da pesquisa fossem realizadas.

Às voluntárias que responderam o nosso questionário, essas que gentilmente contribuíram para a pesquisa.

Ao UniCEUB, por todo o auxílio acadêmico, incentivo intelectual – principalmente a Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa. Por fim, agradamos por ter sido contempladas pela bolsa de iniciação científica institucional.

“As mulheres podem colocar-se à margem do sistema da arquitetura quando aceitam a heterogeneidade e incluem positivamente o que é negado, a própria mulher.”

Diana Agrest

BRASÍLIA SITUACIONISTA. EXPLORANDO UM REFERENCIAL TEÓRICO PARA O MAPEAMENTO CRÍTICO DO GÊNERO.

Ana Laura Botelho Rodrigues– UniCEUB, PIC Institucional, aluno bolsista
arq.anabotelho@sempreceub.com

Marcella Kehl do Nascimento – UniCEUB, PIC institucional, aluno voluntário
marcellakehl.arq@gmail.com

Maria Emília Bastos Stenzel – UniCEUB, professora orientadora
emilia.stenzel@ceub.edu.br

A pesquisa Brasília Situacionista propõe o mapeamento da apropriação por gênero dos espaços do Plano Piloto, com foco na evolução histórica dessa apropriação e na análise de suas características. O método é cruzar as estratégias de mapeamento inauguradas por Guy Debord, no quadro da Internacional Situacionista, com as perspectivas teóricas feministas desenvolvidas na Arquitetura, em especial na perspectiva de Diana Agrest, Paola Berenstein, Beatriz Colomina, Joan Scott, Judith Butler e Rebecca Solnit. Desta forma, se revela através das camadas cartográficas que são desenvolvidas a partir do estudo dos mapas afetivos das pessoas que vivem Brasília no dia a dia. Esta diagramação urbana é fundamentada na Teoria da Deriva, no feminismo pós-estruturalista e na psicogeografia. A essência do urbanismo modernista de Brasília estimula vivências singulares deste espaço, principalmente quando adentra ao tema gênero. Percebe-se que desde o momento do planejamento urbano e da construção da nova capital, o corpo e o símbolo do feminino foram excluídos e em seguida reprimidos, refletindo nos vazios cheios de monumentalidade. Ao propor a reconstrução da identidade e dos modos de representação da mulher, focos característicos desses estudos, no âmbito do espaço de Brasília, a pesquisa possibilita a ampliação dessa perspectiva no campo dos estudos históricos e teóricos dos espaços públicos da Capital. Os resultados apresentados mostram a relação entre as percepções dos entrevistados com os seus trajetos por Brasília. Por último, busca contribuir para a formulação de uma compreensão inclusiva e abrangente dos espaços habitacionais de nossa cidade, fornecendo elementos que possam (re) orientar as práticas urbanísticas vigentes.

Palavras-Chave: Brasília. Arquitetura. Urbanismo. Gênero. Situacionismo.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	08
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
2.1.	GÊNERO.....	10
2.1.1	GÊNERO E ESPAÇO	11
2.1.2	O ATO DE CAMINHAR	14
2.2.	SITUACIONISMO	16
2.2.1.	FLANÂNCIAS	16
2.2.2.	DEAMBULAÇÕES	17
2.2.3.	DERIVA	17
2.3.	AS MULHERES DE BRASÍLIA	18
3	METODOLOGIA	20
3.1.	CRITÉRIOS GRÁFICOS	21
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	22
4.1	MORADIA	22
4.2	FAIXA ETÁRIA	24
4.3	ETNIA	25
4.4	ESTADO CIVIL	26
4.5	FILHOS, OCUPAÇÃO E NÍVEL DE ESCOLARIDADE	27
4.6	TRANSPORTE E LUGARES POR ONDE PASSAM	29
4.7	PERÍODO DO DIA	31
4.8	ANDAR E MEDO	32
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
	REFERÊNCIAS	34
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO	36

ANEXO A – FIGURAS	38
--------------------------------	-----------

1 INTRODUÇÃO

A essência do urbanismo modernista de Brasília estimula vivências singulares deste espaço, principalmente quando adentra o tema gênero, e nesse campo, o das mulheres. As perspectivas espaciais de gênero atualmente desenvolvidas, as quais buscam integrar as percepções femininas do espaço nas teorias do urbanismo, apresentam recortes que as aproximam daqueles inaugurados pelo movimento Internacional Situacionista (IS), um movimento de cunho artístico e político, que influenciado pelas vanguardas artísticas dadaísta e surrealista, propunha a criação de situações no contexto urbano, como forma de superação e oposição ao desenvolvimento daquilo que identificava como a Sociedade do Espetáculo, denominação por ele proposta para o desenvolvimento do capitalismo tardio no mundo ocidental.

A abordagem contida nesse trabalho explora esta intercessão entre a abordagem feminista do espaço público e a perspectiva situacionista, em uma investigação sobre a representação das mulheres de Brasília, realizada com base em material de entrevista, constituído de fragmentos, indícios e expressões capturadas no discurso das entrevistadas. Assim se propõe aqui um mapeamento da apropriação por gênero dos espaços públicos do Plano Piloto, a partir da evolução histórica dessa apropriação e na análise de suas características, obtidas nos relatos das mulheres entrevistadas.

A metodologia teve por base a coleta e classificação dos registros históricos da ocupação dos espaços de Brasília, que permitem identificar uma apropriação destes espaços por identidades de gênero. Realizando o cruzamento das perspectivas teóricas adotadas, para o desenvolvimento do enfoque proposto, estipulou-se variáveis de análise que nortearam a elaboração dos mapas da evolução e das características deste processo, com indicação das apropriações por gênero, com foco na condição das mulheres.

Os mapeamentos se baseiam na estratégia de psicocartografia, perspectiva inaugurada pelo movimento Internacional Situacionista, estratégia esta que foi confrontada no desenvolver do trabalho com as concepções feministas de gênero e espaço, considerados no contexto do espaço modernista da Capital.

O objetivo aqui colocado foi o de tornar evidente a evolução histórica da apropriação dos espaços de Brasília pelas mulheres, por meio do mapeamento afetivo dos distintos

contextos temporais e espaciais (urbanos/geográficos) identificados, conforme compreendidos na psicogeografia situacionista.

Brasília situacionista se revela aqui através de camadas cartográficas desenvolvidas a partir do estudo dos mapas afetivos das pessoas que vivem Brasília no dia a dia. Ao levantar a relação entre o gênero e a cidade estudada, percebe-se que desde o momento do planejamento urbano, da construção da nova capital, do período da ditadura militar e do período pós-ditadura, o corpo e a dimensão simbólica do feminino foram sendo paulatinamente excluídos e em seguida reprimidos, em uma estrutura urbana concebida e moldada originalmente também por estes atores sociais, que desde sempre foram tratados como coadjuvantes ou até mesmo invisíveis.

Figura 01 – Guia psicogeográfico de Paris, 1957.



Fonte: DEBORD, Guy. The Naked City, 1957.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

“Em toda a história da arquitetura, a mulher tem sido substituída/deslocada não só em um plano social geral, mas de modo mais específico no plano da relação do corpo com a arquitetura.” (AGREST, 1993).

2.1 GÊNERO

A concepção de identidade de gênero é imprescindível, sendo uma construção social binária de feminino e masculino que atribui a cada lado modos de exercer o poder. O feminismo pós estruturalista tem como objetivo desconstruir o pensamento binário. A teórica feminista Judith Butler traz concepções do gênero, nas quais sustenta que esta categoria não deve ser meramente concebida como a inscrição cultural de significado em um sexo previamente dado, e tampouco designar o aparato de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos.

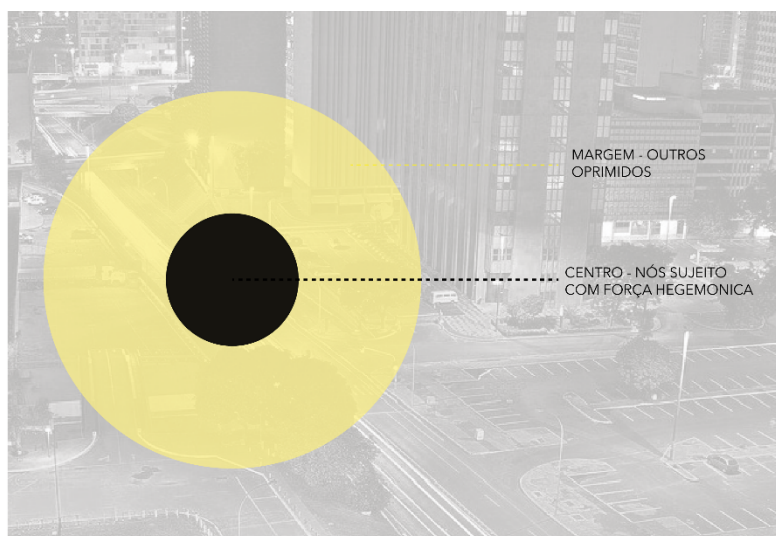
“Como teorizar a exclusão das mulheres da categoria dos oprimidos? Aqui, a construção de sujeitos-posições funciona para excluir as mulheres da descrição da opressão e isso constitui um tipo diferente de opressão, aquele que é efetuada pelo apagamento que fundamenta a articulação do sujeito emancipatório” (BUTLER, 1998).

Nesta mesma linha, o filósofo Michel Foucault compreende gênero como um saber sobre as nuances sexuais. O conceito de “sexo” é denominado como “unidade fictícia”, produzindo e regulando a inteligibilidade da materialidade dos corpos. Para ele existe uma relação indissociável entre o saber e o poder, sendo o gênero conectado a relações de poder. Simone de Beauvoir critica o sujeito em seu livro: *O segundo sexo*. Ela contrapõe a universalidade, neutralidade e a unidade. Argumenta que no mundo social existem aqueles que ocupam a posição não específica, universal, sem marcações (sexual, racial, religiosa). E aqueles que são definidos, acabam reduzidos e marcados por sua diferença, aprisionados em sua especificidade, designando o outro. Joan Scott afirma que apenas incluir o outro nas análises não é suficiente para resolver os problemas do universalismo, do essencialíssimo e do binarismo.

“O que parecia necessário era uma análise da discriminação que incluísse as próprias categorias como classe, trabalhador, cidadão e até o homem e a mulher” (SCOTT, Joan).

De acordo com esse enfoque, percebe-se que o conceito de sujeito foi fundado por características que universalizavam as especificidades do homem branco, heterossexual e burguês. Em outros termos: uma categoria normativa e opressora, tornando a mulher e outros grupos oprimidos ausentes ou invisíveis (Figura 02).

Figura 02 – Margem x Centro



Fonte: RODRIGUES, A.L.B. Corpo-Cidade, 2018.

2.1.1 GÊNERO E ESPAÇO

A arquitetura desde os seus primórdios foi baseada no logocentrismo e no antropocentrismo. No século I a.C., Vitruvius deixou como legado para as civilizações um tratado – *De Architectura* – que estabelecia padrões de proporções e ideais (Figura 03). No século XX o arquiteto Le Corbusier elabora um sistema de proporções chamado de *modulor*, no qual ele utilizava determinadas proporções de um indivíduo imaginário e as aplicava nas concepções de seus projetos (Figura 04). Ambos sistemas citados se fundamentaram nos parâmetros da anatomia do sexo masculino. É comprovado que anatomicamente, homens e mulheres tem naturalmente padrões de dimensões diferentes um do outro. Então desde a instituição desses padrões – mantiveram-se sustentados em diferentes períodos históricos - a mulher foi excluída na constituição da ordem pública e conseqüentemente reprimida por meio de seu corpo.

“Em toda a história da arquitetura, a mulher tem sido substituída/deslocada não só em um plano geral, mas de um modo mais específico no plano da relação do corpo com a arquitetura” (AGREST, 1993).

Desta forma, é essencial que aconteça a negação do sistema excludente por meio de um trabalho crítico que inclua o que é reprimido. A rua é um dos cenários de sua representatividade, é o cenário da escrita arquitetônica.

“[...] o tempo instituiu que aqueles do sexo masculino (homens) são responsáveis pelo público, pelo urbano, pelo exterior, pelo importante, pelo difícil. Enquanto aquelas do sexo feminino (mulheres) são responsáveis pelo privado, pelo doméstico, pelo interior, pelo frágil, pelo delicado, pelo sentimental, pelo secundário” (FARINASSO, 2016).

A reprodução das relações apontadas por Farinasso acontece em diversas formas do cotidiano, explicitando a desigualdade entre os gêneros. O meio urbano é um fator que contribui para a sua desigualdade na medida em que se constitui como um meio hostil, principalmente às mulheres. Neste contexto é dado como pressuposto que as mulheres utilizem a cidade de maneira distinta dos homens. Como consequência destas apropriações do espaço público, as mulheres são privadas do seu direito à cidade, de lutar pela sua vida pública, ou até mesmo usufruir do que lhe é concedido.

Segundo o intelectual Cortés, o conceito de cidade viril surgiu a partir do estudo de arranha-céus por meio da sua imagem emblemática do século XX. Estas morfologias em questão são reconhecidas como a realização de poder masculino, projetando o ego por meio do símbolo falocêntrico. O autor aborda os projetos das Torres Petronas, em Kuala Lumpur (Figura 07); da Torre Agbar de Barcelona (Figura 05) e Torre 30 ST. Mary Axe, em Londres (Figura 06).

Figura 05 – Torre de Agbar, Barcelona.



Fonte: Google Imagens. Torre de Agbar, 2018.

Figura 06– Torre Gerkin, Londres.



Fonte: Google Imagens. Torre Gerkin, 2018.

Figura 07– Torre de Petronas, Kuala Lumpur.



Fonte: Google Imagens. Torre de Petronas, 2018.

Historicamente, as mulheres conquistaram mais participação no mercado de trabalho, o que verifica uma crescente justaposição dos papéis exercidos pela mulher: ora executiva, ora mãe, ora dona de casa, etc. As novas posições que as mulheres vêm assumindo no campo do trabalho não são correspondidas no ambiente urbano. Evocando-se a necessidade de uma estrutura espacial urbana mais digna.

Pois os assédios sofridos diariamente por mulheres no espaço público¹ resultam em uma percepção diferente do uso do espaço, do uso do transporte público e do uso das calçadas. A iluminação, por exemplo, é percebida como um fator essencial para as mulheres quando se trata da escolha² de um trajeto. Esta situação as obriga a moldar seus próprios mapas urbanos por uma questão de sobrevivência. No entanto, ampliar as zonas de segurança é fundamental para garantir a inclusão. As oportunidades urbanas devem ser acessíveis a todos e todas, e o recorte de gênero deveria estar sempre incluído nas análises e pesquisas sobre mobilidade e outros usos do espaço urbano.

A mobilidade para as mulheres sempre foi uma luta. Caminhar é mais fácil e libertador para os homens, pois desde os primórdios da sociedade eles ocupam as ruas, os espaços públicos, os edifícios empresariais e institucionais, os teatros, as arenas, os ginásios, etc. E as mulheres no espaço público, quando não associadas à sexualidade, são logo associadas ao consumismo.

2.1.2 O ATO DE CAMINHAR

A maioria dos intelectuais, estudados desde então, que abordam o espaço ou o caminhar são homens. Alguns deles são: Francesco Careri em *O Caminhar Como Prática Estética*, Guy-Ernest Debord em *Introdução a uma Crítica da Geografia Urbana*, Henry David Thoreau em *Andar a Pé* dentre outros escritos, Walter Benjamin em *Paris Capital do Século XIX*, Charles-Pierre Baudelaire em *As Flores do Mal*, etc.

¹ De acordo com o anuário brasileiro de segurança pública, em 2017 foram registrados 60.018 casos de estupro no Brasil. Houve um aumento de 8,4% em relação ao ano de 2016.

² “[...] dois terços das mulheres norte americanas têm medo de andar sozinhas por seus próprios bairros à noite, e uma outra informa que metade das mulheres britânicas tinha medo de sair sozinha depois de escurecer e quarenta por cento se ‘preocupavam muito’ com a possibilidade de serem estupradas.” (SOLNIT, 2001).

Uma das poucas exceções nesse domínio masculino é o trabalho da escritora estadunidense, Rebecca Solnit, que escreveu *A História do Caminhar*. Nesta obra a autora afirma que existem três requisitos para vivenciar uma caminhada: O primeiro é ter tempo, o que automaticamente demanda ter alguma condição financeira. O segundo é ter alguma direção. E o terceiro é ser livre. Várias das características que hoje são reconhecidas como humanas surgiram através das caminhadas. O ato em si, identifica as práticas do cotidiano do ser humano.

“É o ato intencional mais próximo dos ritmos involuntários do nosso corpo, como respirar ou o bater do coração. É-nos natural, intrínseco e também habitual ” (SALVADOR, MARGARIDA).

Não o bastante, caminhar também pode ter diferentes significados culturais, artísticos, políticos, espirituais e muitos outros. O caminhar pode ser representado por um indivíduo ou um coletivo. Solnit aborda o início da origem do caminhar pelos fins culturais, tendo em vista o estudo de diversas personalidades. Por exemplo, na Antiguidade Clássica, os antigos caminhavam para pensar, proporcionando mais consciência nas suas ações. Posteriormente, entendeu-se com a filosofia, o significado da deambulação:

“Vários terão sido os filósofos que caminhavam, mas são poucos os que refletiam sobre o ato de caminhar” (SALVADOR, MARGARIDA).

No final do século XVIII, Jean-Jacques Rousseau percebe o que seria uma caminhada contemplativa, observada por meio de outros pensamentos. Na busca pela natureza, Rousseau examina os conceitos de devaneios por meio de suas experiências meditativas, onde a experiência do andar refletia em sensações variadas.

“Vendo-se vítima de conspirações arquitetadas pelos homens sobre si mesmo enquanto vivia em sociedade, Rousseau a vê como objeto de aflições e de infelicidade, o que é renovado constantemente por aqueles. Resta-lhe, então, fugir da sociedade, do ódio que os homens incessantemente alimentam por ele[...]” (SOUZA, 2011).

Em *Walkscapes*, Francesco Careri compreende que no século XX a caminhada se apropria com relevância estética. Entende-se a relação entre andar por uma paisagem que é vivenciada para a construção de novos significados e sentidos. Neste, o caminhar é percebido como um ato artístico capaz de proporcionar uma peculiar dimensão urbana da cidade.

Sob um ponto de vista semelhante ao de Careri, no século XXI o andar é relacionado com as performances artísticas que acontecem pela cidade, ocupando os “não lugares”³ ou até mesmo impondo percepções diferentes de um ambiente do cotidiano. Caminhar é a consolidação de um ato político.

2.2 SITUACIONISMO

Para compreender o que foi o situacionismo e a relevância deste movimento para o desenvolvimento dos estudos sobre espaço e gênero nesta pesquisa, é necessário introduzir os contextos históricos que contribuíram para a fundamentação da perspectiva Situacionista. Baseado no livro *Elogio aos Errantes* de Paola Berenstein, os itens a seguir elucidam cronologicamente os diferentes contextos das errâncias urbanas.

2.2.1 FLANÂNCIAS

O *flâneur* é o caminhante que está presente de corpo e consciência no espaço durante o seu percurso. Ele se liga à paisagem que emerge naturalmente junto ao seu trajeto, no qual os seus próprios passos é que determinam o ritmo do olhar. O *flâneur* se desenvolve na medida em que as cidades começam a se modernizar. Flanar nas ruas era um fascínio pela modernização e a vida urbana, mas ao mesmo tempo também era uma reação contra a velocidade imposta por esse rápido desenvolvimento. Um manifesto que trazia à tona a questão da lentidão e da ociosidade.

Os séculos XVIII e XIX correspondem ao momento de transição que as cidades estavam vivendo, que foi se quando começou a priorizar espaços urbanos específicos para a locomoção de máquinas, ao invés do espaço para o movimento natural das pessoas. Reforçando a ética da indiferença.

"Fui para a mata porque queria viver deliberadamente, enfrentar apenas os fatos essenciais da vida e ver se não poderia aprender o que ela tinha a ensinar, em vez de, vindo a morrer, descobrir que não tinha vivido." (THOUREAU, 1845).

³ Para este projeto, considera-se o “não-lugar” como vazios urbanos.

2.2.2 DEAMBULAÇÕES

No começo do movimento moderno as questões de apropriação do espaço público voltaram a se manifestar com mais força através das deambulações com objetivo de romper com o academicismo e com as suas antigas regras artísticas.

Os ativistas da época, em sua maioria artistas, poetas e escritores, se inspiraram na vanguarda artística dadaísta na qual a ideia era fazer uma série de incursões pelos lugares mais banais da cidade. A deambulação representava a potência do estranhamento do cotidiano e a desapropriação do futuro. Os errantes se entregavam à geografia urbana se perdendo pela cidade. Esse desvio do cotidiano despertava o estranhamento, as coincidências e os acasos que as ruas revelavam.

No Brasil, as deambulações significavam reagir contra a dominação artística estrangeira, no qual a cidade era o próprio laboratório onde se originavam os mais diversos desejos. A autora Paola Beresntein evidencia em seu livro os seguintes ativistas dessa época no Brasil, são eles: João do Rio, Carlos Drummond de Andrade e Flávio de Carvalho.

2.2.3 DERIVAS

Os situacionistas surgiram nos anos 1950 questionando as doutrinas, teorias e fundamentos básicos do urbanismo. Os temas inaugurados pelo situacionismo cabem em um debate pertinente no urbanismo contemporâneo. Guy Ernest Debord foi o fundador da Internacional Situacionista (IS), movimento de cunho artístico e político que buscava transformações sociais e políticas, tendo sido influenciado pelo movimento dadaísta e surrealista.

As situações oferecidas são vistas como um grande jogo, a passagem por diferentes cenários e momentos de escolha. O ambiente deve ser capaz de despertar novas paixões. Por meio dos métodos da psicogeografia e da deriva é possível experienciar a cidade existente de uma nova forma.

“A pesquisa psicogeográfica [...] assume assim seu duplo sentido de observação ativa das aglomerações urbanas de hoje, e de formulação de hipóteses sobre a estrutura de uma cidade situacionista” (DEBORD, 1957)

Tal procedimento estratégico avalia os efeitos do meio ambiente, ordenado ou não conscientemente, sobre o comportamento afetivo e sistemas perceptivos e cognitivos dos indivíduos. Um modelo urbano de cidade material situacionista nunca existiu, mas sim a forma de experimentar a cidade. Segundo Debord, os habitantes passam de simples espectadores a construtores, transformadores e “vivenciadores” de seus próprios espaços.

A deriva necessita do contato intrínseco com o agora. É preciso perder-se na cidade para decifrá-la por meio da indução. Sendo assim, eliminando princípios de alienação e estratificação da vida social.

A concepção de deriva é um “modo de comportamento experimental ligado às condições da sociedade urbana: técnica da passagem rápida por ambiências variadas.

“As grandes cidades são favoráveis à distração que chamamos de deriva. A deriva é uma técnica do andar sem rumo” (DEBORD, FILLO, 1954)

2.3 AS MULHERES DE BRASÍLIA

A modernidade que Brasília expressava antes de ser fundada, vai além da constatação do modernismo expresso no projeto e dos planos de modernização dentro das propostas políticas da década de cinquenta durante o governo de Juscelino Kubistchek. A arquiteta cineasta, Denise Vieira em sua obra *Corpo Feminino e Modernidade na Construção de Brasília*, traz os desdobramentos históricos da modernidade entendida enquanto um processo.

Dois vídeos documentários foram essenciais para a compreensão de Brasília e seus atores na perspectiva dentro desse processo de modernização, que foram: “A Saga das Candangas Invisíveis” (2008), de Denise Caputo e “Poeira e Batom no Planalto Central” (2010), de Tânia Fontenele, Tania Quaresma e Mônica Gaspar.

O documentário Poeira e Batom no Planalto Central se baseia em uma sequência de relatos feitos pelas mulheres que participaram do momento de construção e de inauguração da nova capital do Brasil, Brasília.

“ Os relatos de chegada ilustram situações muito diversas, tanto em relação às motivações para a vinda, como aos percursos que traziam essas mulheres até aqui. É comum aos relatos a menção à motivação financeira, à expectativa de mudar de vida, seja pelo início de um novo empreendimento, seja pela possibilidade de um emprego público” (VIERA, 2018).

Brasília provocou um chamado proveitoso para aquelas mulheres que não se sentiam adequadas aos padrões sociais daquela época. O que trouxe uma visão otimista para começar um projeto de vida em um espaço que ainda não havia uma cultura estabelecida. Foi uma oportunidade propícia para o surgimento de uma nova⁴ visão de mulher brasileira. Ao mesmo tempo em que a oportunidade de ir para Brasília mobilizava uma atmosfera esperançosa, fazer esse tipo de mudança também foi um sacrifício⁵ para outras pessoas, geralmente implicava no afastamento de suas origens.

⁴ *“Aqui em Brasília eu aprendi a ser independente. Ser uma mulher, assim, que podia expressar no meio político, no meio social dos empresários que estavam em Brasília. Eu podia chegar para eles e reivindicar direitos para os empregados deles, entendeu?” Relato de Alice Andrade Maciel para o documentário Poeira e Batom no Planalto Central.*

⁵ *“Naquela época, ser mulher era uma coisa muito difícil. Lembrando que estamos no final da década de cinquenta para sessenta. Que é quando começou a emancipação disso, a emancipação da mulher. Então quem era rojada, como eu fui, naquela época, sair da casa dos meus pais, bem instalada, no emprego fixo, universitária [...]” Relato de Therezinha de Jesus, para o documentário Poeira e Batom no Planalto Central.*

3 METODOLOGIA

Brasília Situacionista se aplica nas linhas de pesquisa que buscam a formulação de uma compreensão inclusiva e abrangente dos espaços habitacionais de Brasília, fornecendo elementos que possam (re) orientar as práticas urbanísticas vigentes.

Esta pesquisa possui o enfoque predominantemente qualitativo, seguindo uma corrente epistemológica que entende que o estudo da realidade social não acontece por meio da compreensão de fatos, algo que pode se tornar objetivo e quantificável, limitando o panorama em observação. O que se busca é a percepção de fenômenos sociais. A pesquisa com o viés qualitativo compreende o fenômeno no sentido de suas inter-relações, constituído de significados. Considera-se que este projeto pode esclarecer a complexidade e a dinamicidade presentes no objeto de investigação em questão, que é compreender como são as vivências das mulheres em Brasília.

A pesquisa qualitativa também implica na possibilidade de coletar dados quantificáveis. Dentre as características básicas que configuram este projeto, destacam-se: a interação, a subjetividade, a dinâmica interna do objeto de pesquisa, bem como favorecer a compreensão dos resultados individualizados e não específicos.

Nesta perspectiva, foi fundamental o levantamento de conteúdo empírico, dos quais foram norteados pelos os referenciais teóricos utilizados para este projeto. Esta metodologia de pesquisa se deu através do método da análise do discurso. Este método viabilizou a elaboração dos mapas que contemplam a variedade das descrições e das especificidades de seus devidos emissores. Este método permitiu o mapeamento dos locais de (des) apropriação do espaço público, aonde foi possível identificar as possibilidades de interação social, de insegurança e de violência que confirmaram a tendência de reincidir sobre as mulheres.

Os dados desta pesquisa se formaram através de fontes escritas, por meio da realização de um questionário semiestruturado (Apêndice A). A narração e a escrita estão intimamente ligadas ao movimento e à prática espacial. Essas duas formas de expressão são um movimento importante para a constituição do sujeito, por isso que a utilização do método da análise do discurso proporcionou maior conforto para as entrevistadas.

Delimitamos o universo da amostra ao definir que os critérios de inclusão seriam pessoas do gênero feminino e moradoras de Brasília ou das Regiões Administrativas do Distrito Federal. Além disso, também foi importante separar as entrevistadas pela faixa etária,

o referencial inicial é da década de sessenta, que foi quando a cidade em questão foi inaugurada, até o ano de 2005, o que automaticamente exclui pessoas menores do que onze anos de idade. O grupo de crianças não foi contemplado nessa amostra, pois parte-se do pressuposto de que elas estão sempre acompanhadas por um responsável.

A formulação e a forma de compartilhamento do questionário ocorreram por meio das redes sociais. Esta foi a estratégia mais favorável para a coleta de dados em termos de custo, velocidade e facilidade de acesso.

3.1 CRITÉRIOS GRÁFICOS

Para informar o conjunto de dados recolhidos no questionário, foram estabelecidos critérios gráficos específicos de representação por meio de diagramas. As especificações de cada diagrama variam de acordo com o tipo de dado coletado (qualitativo ou quantitativo), por ora através da técnica de mapeamento psicogeográfico, ora pelo método da análise do discurso. Para os dados quantitativos têm-se para a criação dos diagramas:

- a) Moradia: varia de acordo com o endereço e a cor. Os quadrados marcam no mapa a região aonde cada pessoa que fez parte do questionário reside atualmente. Aonde há maior concentração dessas pessoas no mapa, os quadrados na região ficam mais escuros ou mais claros;
- b) Faixa Etária: as variações destes fatores decorrem do diagrama descrito em (a). A partir disso, eles ganham determinada cor de acordo com a resposta do indivíduo no questionário;
- c) Etnia: mesma aplicação descrita no item anterior;
- d) Estado Civil: mesma aplicação descrita no item anterior;
- e) Nível de escolaridade: mesma aplicação descrita no item anterior;
- f) Filhos: mesma aplicação descrita no item anterior;
- g) Transporte: mesma aplicação descrita no item anterior;
- h) Período do dia: mesma aplicação descrita no item anterior;
- i) Frequência: mesma aplicação descrita no item anterior.

E para os dados qualitativos têm-se para a criação dos diagramas:

- a) Ocupação e lugares que frequentam: variam em cor, tamanho, quantidade e centralização. Exemplo: quanto mais professoras, a tendência é de a palavra ficar com uma coloração escura, com a fonte em um tamanho maior, com a quantidade de quadrados em volta da palavra de

acordo com o número de pessoas que são professoras. Sendo assim, a localização dessa palavra no diagrama tende a ficar mais centralizada.

- b) Medo da violência: mesma aplicação descrita no item anterior;
- c) Frequenta lugares sozinha: mesma aplicação descrita no item anterior.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa em questão vislumbra explorar como as mulheres de Brasília têm se apropriado dos lugares pela cidade. O questionário possibilitou a análise do discurso e com isso a criação de diagramas para tornar o conjunto dessas respostas mais palpável.

4.1 MORADIA

De acordo com a delimitação do universo da amostra, os mapeamentos desenvolvidos contemplam a origem e a localização aonde cada entrevistada reside. A intensidade da cor no segundo diagrama revela como elas estão dispersadas pelo espaço conforme o posicionamento da região que residem. Em geral prevalece a concentração do grupo focal em questão na região do Plano Piloto. O bairro da Asa Norte é o que apresenta mais pessoas dentro dessa amostra.




Diagrama 01 - Cidades de Origem.



Diagrama 02 – Locais de Residência e Desidade.



LEGENDA

-  ALTA QUANTIDADE DE HABITANTES
-  MÉDIA QUANTIDADE DE HABITANTES
-  PEQUENA QUANTIDADE DE HABITANTES

4.2 FAIXA ETÁRIA

No total foram 48 questionários respondidos dentro do período de uma semana. O meio de aplicação do questionário foi por meio digital, foi perceptível as disparidades de acesso à internet de acordo com a faixa etária. Pois das 48 mulheres que responderam, 31 estão entre 16 e 26 anos de idade; 9 entre 27 e 37 e 8 são acima dos 38 anos de idade. No Brasil no ano de 2013, a faixa etária das pessoas que mais utilizam a internet está entre 15 e 24 anos de idade⁶

Diagrama 03 – Faixa etária.



LEGENDA

	16-26 ANOS
	27-37 ANOS
	38 ANOS EM DIANTE

⁶ Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2013.

4.3 ETNIA

No questionário, a etnia foi colocada como uma pergunta de resposta aberta, para que essa questão viesse como uma reflexão. E dentro do universo da amostra, mais da metade se declarou branca, outras se declararam pardas e algumas responderam “mulata”, “não sei” e “acho que branca”. A questão da etnia no Brasil é muito ampla por causa do processo de miscigenação. O histórico é de violência, racismo e disputas de poder.

Raça e gênero são duas questões que caminham juntas no Brasil. Em dez anos, a taxa de homicídio de mulheres negras aumentou 15,4%. Enquanto que a de mulheres não negras diminuiu cerca de 8%.⁷

Diagrama 04 - Etnia.

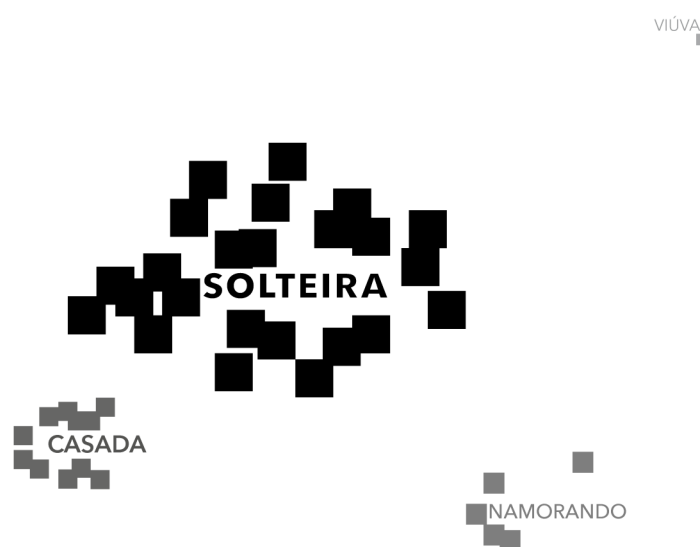


⁷ Fonte: IPEA. Atlas da Violência, 2018. Acessado em: 24 de agosto de 2018.

4.4 ESTADO CIVIL

Como foi visto no diagrama do mapeamento da faixa etária, no qual acredita-se ser uma das consequências do método de aplicação do questionário, o estado civil que predomina dentre as entrevistadas é o de uma mulher solteira. No ano de 2010, as mulheres de 18 e 24 anos de idade, no Distrito Federal, eram em sua maioria solteiras, em seguida separadas e por último casadas. E de acordo com as estatísticas a tendência é desta progressão se manter⁸.

Diagrama 05 – Estado Civil.



⁸ Fonte: Censos Demográficos/IBGE. Elaboração própria. Para 1970, os dados foram extraídos a partir da base disponibilizado pelo IPUMS - Integrated Public Use Microdata Series, da Universidade do Minnesota.

4.5 FILHOS, OCUPAÇÃO E NÍVEL DE ESCOLARIDADE

O nível de escolaridade é um fator reafirma como as mulheres estão progressivamente alcançando sua independência intelectual e financeira. E a quantidade de mulheres que não tem filhos entre 18 e 28 anos de idade é um resultado que provém dessas mudanças nas relações atribuídas à mulher que se submete à diversos papéis. Estudar, trabalhar, assumir cargos de liderança, subentende-se que a mulher contemporânea assume o papel de protagonista da sua própria vida.

Nos estudos prévios sobre a relação entre da mulher com o espaço público, na maior parte das referências históricas, a mulher é mencionada como um sujeito que está à margem das relações sociais, se limitando a cumprir com as funções domésticas, no âmbito privado.

Diagrama 06 - Ocupação



Diagrama 07 – Nível de Escolaridade.



Diagrama 08 - Filhos.



4.6 TRANSPORTE E LUGARES POR ONDE PASSAM

A morfologia urbana de Brasília ainda favorece ao uso do carro ou do transporte particular como principal meio de deslocamento para a população do Distrito Federal, em geral. Com base nos diagramas a seguir, ao estabelecer uma relação entre os meios de locomoção mais utilizados com os lugares que as entrevistadas costumam ir, verifica-se que a maioria delas circulam por espaços da esfera privada – supermercado, shopping, academia e restaurante – e o meio que mais utilizam para fazer os trajetos é através do carro, que é uma forma de mobilidade urbana particular.

Diagrama 09 – Meio de Locomoção.



LEGENDA






	CARRO
	A PÉ
	ÔNIBUS/METRÔ
	UBER
	BICICLETA

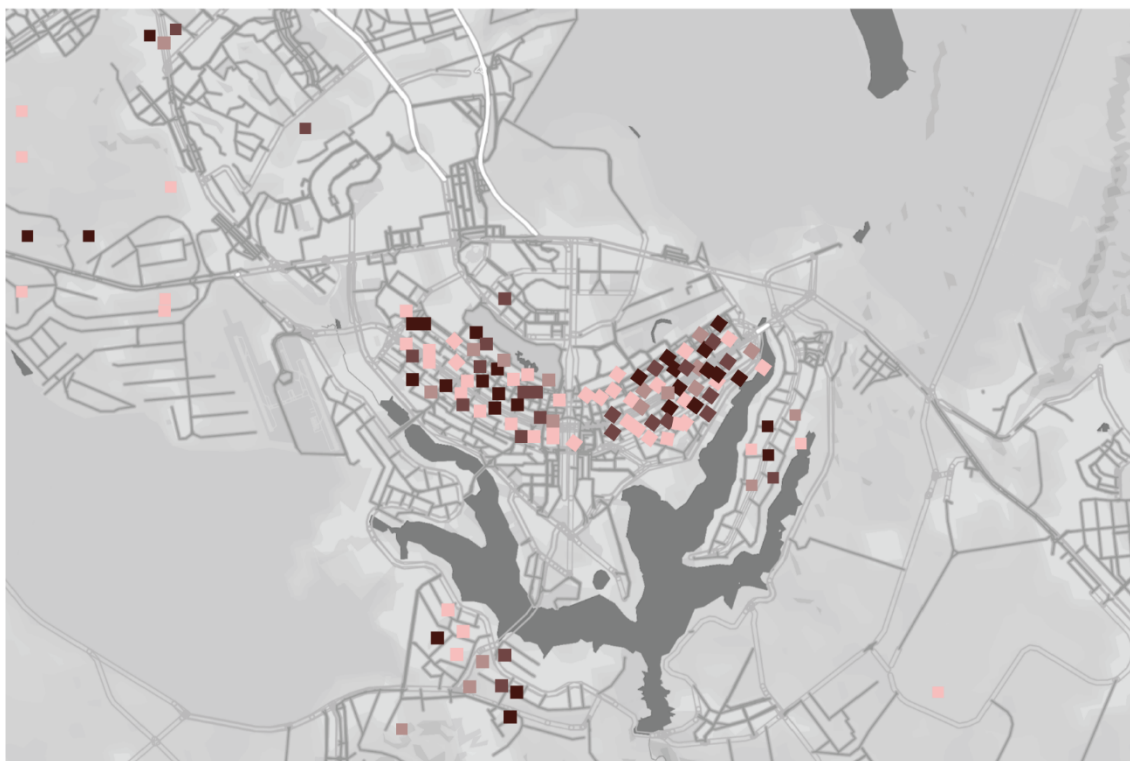
Diagrama 10 – Lugares que Costuma Frequentar.







4.7 PERÍODO DO DIA

Conforme à fundamentação teórica⁹, o resultado do período do dia que as entrevistadas costumam frequentar os lugares mencionados nas entrevistas, confirma como as mulheres ainda induzem o seu andar conforme os seus costumes que se construíram baseados na cultura do medo. Das mulheres que habitam Brasília que responderam ao questionário, oitenta e quatro por cento marcaram os períodos da manhã, da tarde ou os dois.

Diagrama 11 – Períodos do Dia.



LEGENDA

	NOITE
	TARDE
	MANHÃ
	MANHÃ/TARDE

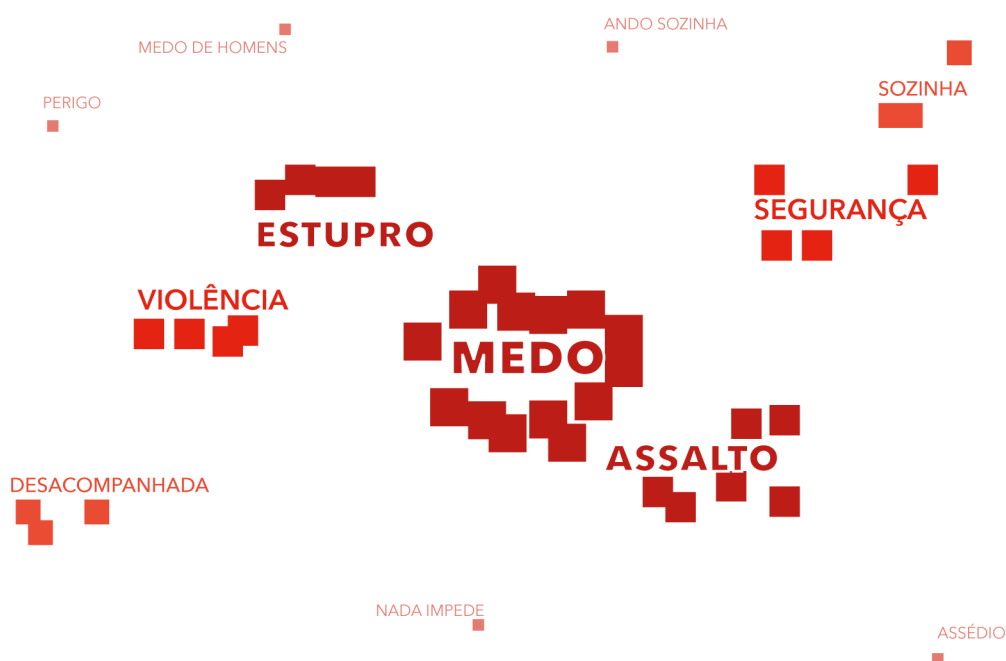
⁹ “[...]; ainda era possível definir a sexualidade feminina por sua localização geográfica e temporal.” (SOLNIT, 2010).

4.8 ANDAR E MEDO

O fator que faz com que as mulheres deem preferência para o uso do meio de transporte particular, lugares fechados para resolver alguma coisa específica aonde há garantia de segurança devido a presença de outros indivíduos, dar preferência para sair durante os períodos da manhã e da tarde, são condições que foram construídas na cultura do medo.

O medo é a razão pela qual a maioria das entrevistadas não têm estímulo para andar a pé, ou no período da noite, ou desacompanhadas. As declarações no questionário confirmam a insegurança que ainda faz com que os lugares frequentados pelas mulheres sejam praticamente fechados ou particulares aonde se tenha a sensação de estar segura.

Diagrama 12 – Palavras que Determinam os Meios.



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi evidenciar o processo da evolução histórica da apropriação pelas mulheres no âmbito dos espaços públicos de Brasília através do mapeamento de acordo com o contexto em que foi possível identificar e compreender os resultados obtidos com o método de análise do discurso e de identificação cartográfica baseada nas técnicas dos Situacionistas.

Conforme a elaboração dos diagramas, a evolução do processo de apropriação espaço se fez clara perante suas associações. O surgimento de Brasília na década de sessenta foi uma mobilização nacional pois criou expectativas para novos projetos de vida. E na esfera que concerne o assunto gênero, as evoluções históricas aparentam ser sutis. No entanto, dentro do período de uma semana reunimos quarenta e oito questionários respondidos e com isso foi viável perceber quais mulheres tem acesso aos meios de comunicação atual, da onde elas vieram e quando.

A brasileira contemporânea evoluiu da modernidade. Ela mudou, é visionária e protagonista da sua cena. No entanto, inconscientemente, ainda vive os mesmos medos do passado - violência, assalto, estupro – e os mesmos tipos de espaço – shopping, mercado, academia.

7 REFERÊNCIAS

- AGREST, Diana. *À margem da arquitetura, corpo, lógica e sexo*, in Uma Nova Agenda para a Arquitetura, Cosac Naify, 20.
- AGREST, Diana. *The Sex of Architecture*, Harry Abraham, 1992.
- BARNEY, Elvira. *Mulheres Pioneiras de Brasília*, Ed. Thesaurus, 2001
- BERENSTEIN, Paola. *Apologia da Deriva e Elogio aos errantes*. Salvador: Editora UFBA, 2014.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução a Análise do Discurso*. São Paulo: Unicamp, 1998.
- CARERI, Francesco. *Walkscapes. O Caminhar Como Prática Estética*, Gustavo Gilli, 2013.
- COLOMINA, Beatriz. *Sexuality and Space*, Princeton Papers on Architecture, 1996.
- DEBORD, Guy-Ernest Debord. *Introdução a uma Crítica da Geografia Urbana*, in Apologia da Deriva. Escritos Situacionistas sobre a Cidade, Ed. Casa da Palavra, 2003.
- FARIAS, Ingrid; FERREIRA, Ana Paula e BARBOSA, Jéssica. *Luta contra a Violência e Direito à Cidade*, Artigo in Le Monde Diplomatique Brasil, Ed. 127, Fevereiro, 2018.
- FREUD, Sigmund. (1905[1901]) "O Estranho" In: *Edição Standard Brasileira (ESB) das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (Trad. E Dir.: Jaime Salomão). Vol. XVII*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GROSZ, Elizabeth. *Woman, Chora, Dwelling*, in Gender, Space, Architecture, Routledge, 1999.
- JACOBS, Jane. *Vida e Morte das Grandes Cidades*, WMF Martins Fontes, 3ª edição, 2011.
- MOURÃO, Tânia F. e Oliveira, Monica F. Gaspar, *Poeira e Batom no Planalto Central. 50 Mulheres na Construção de Brasília*, Editora IPAM, 2010
- MCLEOD, Mary. *Every day and "Other Spaces"*, in Architecture and Feminism, Yale Publications, 1997.
- NESBITT, Kate. *Theorizing a New Agenda for Architecture – An Anthology of Architectural Theory 1965 – 1995*, Princeton Architectural Press, New York, 1996
- NYE, Andrea. *Teoria Feminista e as Filosofias do Homem*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1995.
- SOLNIT, Rebecca. *A história do caminhar*, Martins Fontes, 2016.
- SENNETT, Richard. *Carne e Pedra*, Ed. Best Seller, 2008.
- THOREAU, Henry David. *Walking*, in *Walden and Other Writings*, The Modern Library, 2000.

VIEIRA, Denise Salles. Corpo feminino e modernidade na construção de Brasília, Repositório Teses e Dissertações, UnB, 2017.

____. ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 2018. Disponível em: <<http://www.forumseguranca.org.br/publicacoes/anuario-brasileiro-de-seguranca-publica-2018/>>. Acessado em: 23 ago. 2018.

____. IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. 2013. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/tecnologia/2015/04/acesso-internet-chega-494-da-populacao-brasileira>>. Acessado em: 24 ago. 2018.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

1. Qual o seu nome?
2. Qual a sua idade?
3. Qual a sua etnia?
4. Qual a sua cidade de origem?
5. Qual o seu endereço?
6. Especifique o seu estado civil:
 - a. Solteira
 - b. Casada
 - c. Viúva
 - d. Divorciada
 - e. Namorando
7. Especifique o seu nível de escolaridade:
 - a. Ensino fundamental
 - b. Ensino médio incompleto
 - c. Ensino médio
 - d. Graduação incompleto
 - e. Graduação
 - f. Outro
8. Tem filhos? Se sim, quantos?
9. Qual é a sua ocupação atualmente? Aonde fica?
10. Como você costuma se deslocar:
 - a. Carro
 - b. A pé
 - c. Ônibus
 - d. Metrô
 - e. Outros
11. Frequenta lugares sozinha?
 - a. Sim
 - b. Não
 - 11.2 Aonde ficam?

11.3 Em qual período você costuma ir à estes lugares?

- a. Manhã
- b. Tarde
- c. Noite
- d. Outro

11.4 Com qual frequência?

- a. Diária
- b. Semanal
- c. Mensal
- d. Semestral
- e. Anual
- f. Outro

12. Se não anda sozinha, o que te impede?

13. Você tem o hábito de encontrar pessoas que não sejam necessariamente da sua família?

14. O medo da violência define a forma – meio de locomoção – como se desloca?

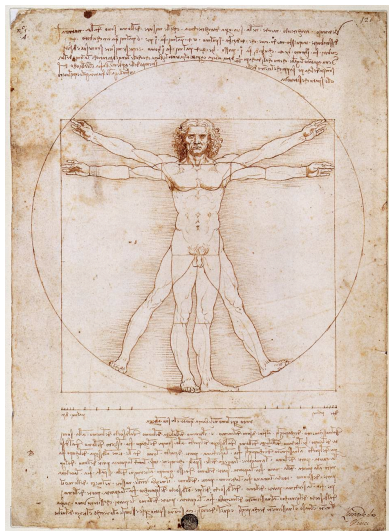
- a. Sim
- b. Não
- c. Outro

14.1. Se sim, de que forma o medo da violência define como você se desloca?

14.2. O medo da violência é um fator que determina os seus caminhos?

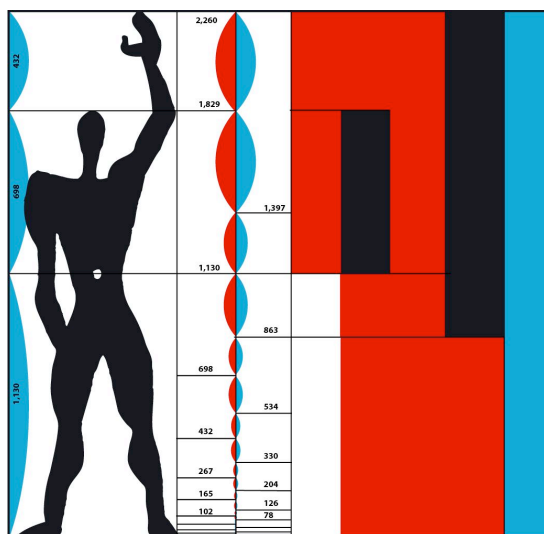
ANEXO A – FIGURAS

Figura 03 – Homem Vitruviano.



Fonte: VINCI, Leonardo, 1490.

Figura 04 – Modulor.



Fonte: LE CORBUSIER, Charles, 1940.

Figura 08 – Palavras.

atravessar	um território	caminhar
abrir	um sendeiro	
reconhecer	um lugar	
descobrir	vocações	
atribuir	valores estéticos	
compreender	valores simbólicos	orientar-se
inventar	uma geografia	
conceder	os topónimos	
descer	um barranco	
subir	uma montanha	
traçar	uma forma	
desenhar	um ponto	perder-se
pisotear	uma linha	
habitar	um círculo	
visitar	uma pedra	
relatar	uma cidade	
perecorrer	um mapa	
pereber	os sons	errar
guiar	os odores	
observar	os espinhos	
escutar	os buracos	
celebrar	os perigos	
navegar	um deserto	
cheirar	uma floresta	
adentrar	um continente	imersir-se
encontrar	um arquipélago	
hospedar	uma aventura	
medir	um entulhamento	
captar	álhures	
povoar	sensações	vagar
construir	relações	
achar	objetos	
pegar	frases	
não pegar	corpos	
perseguir	peçoas	
assediar	animais	
entrar	num buraco	penetrar
interagir	um engradado	
escalar	um muro	
pesquisar	um recinto	
seguir	um instinto	
deixar	um trilho	
não deixar	rastos	ir adiante

Fonte: CARERI, Francesco. *Walkscapes*. 2013.

Figura 09 – Recorte de cena. Filme *Poeira e Batom no Planalto Central*. 2010.

Direção: Tânia Fontenele Mourão e Tânia Quaresma, 20'11''

Figura 10 – Recorte de cena. Filme Poeira e Batom no Planalto Central. 2010.



Direção: Tânia Fontenele Mourão e Tânia Quaresma, 33'31''